

IX ENCONTRO MUNDIAL DAS FAMÍLIAS
DUBLIM, 21-26 DE AGOSTO DE 2018
O EVANGELHO DA FAMÍLIA: ALEGRIA PARA O MUNDO

QUINTA CATEQUESE: A CULTURA DA VIDA

**“E JESUS CRESCIA EM SABEDORIA, EM ESTATURA E EM GRAÇA
DIANTE DE DEUS E DOS HOMENS” (Lc 2,52)**

*Senhor Jesus,
que fielmente visitais e cumulais com a vossa Presença
a Igreja e a história dos homens;
que no admirável Sacramento do vosso Corpo e do vosso Sangue
nos tornais partícipes da Vida divina
e nos fazeis antegozar a alegria da Vida eterna;
nós vos adoramos e vos bendizemos.*

*Prostrados diante de Vós, nascente e amante da vida
realmente presente e vivo no meio de nós, vos suplicamos.*

*Volta a despertar em nós o respeito por cada vida humana nascente,
tornai-nos capazes de entrever, no fruto do ventre materno
a obra admirável do Criador,
disponde os nossos corações ao acolhimento generoso
de cada criança que está para nascer.*

*Abençoai as famílias,
santificai a união dos esposos,
tornai fecundo o seu amor.*

*Acompanhai com a luz do vosso Espírito
as opções das assembleias legislativas,
para que os povos e as nações reconheçam e respeitem
a sacralidade da vida, de cada vida humana.*

*Orientai a obra dos cientistas e dos médicos,
a fim de que o progresso contribua para o bem integral da pessoa
e ninguém venha a sofrer supressão e injustiça.*

*Infundi caridade criativa aos administradores e aos economistas,
para que saibam intuir e promover condições suficientes
a fim de que as jovens famílias possam abrir-se serenamente
ao nascimento de novos filhos.*

*Consolai os esposos que sofrem
por causa da impossibilidade de ter filhos
e, na vossa bondade, sede providente para com eles.*

*Ensinai todos a cuidar das crianças órfãs ou abandonadas,
para que possam experimentar o calor da vossa Caridade,
a consolação do vosso Coração divino.*

*Com Maria vossa Mãe, a grande crente,
em cujo seio assumistes a nossa natureza humana,
esperamos de Vós, nosso único e verdadeiro Bem e Salvador,
a força de amar e servir a vida,
à espera de viver sempre em Vós,
na Comunhão da Bem-Aventurada Trindade. Ámen.*

(Bento XVI, Basílica Vaticana, 27 de novembro de 2010)

É muito interessante deter-se na conclusão inesperada deste episódio evangélico. Perceber o modo como se processa a dinâmica familiar neste episódio e, especialmente, como Jesus responde às palavras angustiantes dos seus pais, por causa do medo de O ter perdido, parece quase ter acontecido uma espécie de rutura entre os membros da Sagrada Família

Parece que chegou o momento em que o Filho, atingida a maioridade, começa a colocar limites e limites à autoridade paterna, para afirmar a sua autonomia e a sua responsabilidade por si mesmo. É uma cena muito comum no lar de todas as famílias. É a chegada repentina e imprevista daquela famosa hora, para a qual nenhum pai está adequadamente preparado. É o momento em que um filho, repentinamente, se apresenta já crescido e começa a manifestar sua capacidade para fazer opções para a sua vida.

É muito surpreendente ver como a Família de Nazaré, também vive os mesmos dinamismos de todas as famílias. Na realidade, continuando a leitura do texto, notamos como, efetivamente, não acontece nenhuma rutura familiar. Antes, surpreende o fato de que acontece o contrário.

Lucas, acrescenta que Jesus *«desceu, então, com eles para Nazaré e era-lhes submisso»* (Lc 2,51). Parece ser a reação clássica daqueles que, ao não conseguirem concretizar as suas reivindicações, por medo de algum castigo, acabam por fazer o que dizem os seus pais. Na realidade, Jesus defende-se bem e, com a sua intervenção, consegue calar os seus pais. Permanecer sob a autoridade dos seus pais, não é uma escolha obrigada e forçada, mas manifesta uma decisão livre e responsável em afirmar, mais uma vez, a sua predileção natural pela Família.

O Verbo de Deus vem ao mundo na mais absoluta pobreza e miséria, renunciando praticamente a tudo, exceto a uma única coisa: encarnar dentro de uma família com uma mãe e um pai. Após este incidente, de fato, Jesus continua a viver submisso aos seus pais porque *«é juntos que eles ensinam o valor da reciprocidade, do encontro entre seres diferentes, onde cada um contribui com a sua própria identidade e sabe também receber do outro. Se, por alguma razão inevitável, falta um dos dois, é importante procurar alguma maneira de o compensar, para favorecer o adequado amadurecimento do filho»* (AL 172). Lucas conclui a história desta maneira: *«Jesus crescia em sabedoria, em estatura e graça diante de Deus e dos homens»* (Lc 2,52).

Em breves palavras, o Evangelho consegue afirmar o que de melhor e mais fundamental possa garantir o crescimento de um filho na sua total integridade. É bom sublinhar que o primeiro crescimento mencionado é a *“sabedoria”*. Não deve entender-se como a progressiva aquisição de uma bagagem de conhecimentos ou competências. O sentido etimológico latino do verbo *“saber”*, a verdadeira sabedoria, significa saborear o significado profundo da própria vida. A sabedoria é colocada antes da *“idade”*. Porquê? Estamos diante duma verdadeira revolução copernicana, ao abordar a modalidade do desenvolvimento da pessoa humana. Em geral, pensa-se que primeiro passam os anos e depois, gradualmente, ao longo do tempo, aprende-se a descobrir o gosto e o sentido da vida.

O Evangelho, por outro lado, afirma uma verdade oposta a este pensamento comum, ou seja, primeiro vem o verdadeiro sabor da vida e depois segue-se o passar dos anos. Tudo isso significa que

cada santo dia da própria existência, a começar pelo primeiro, deve ser vivido desfrutando a sua beleza e profundidade. Só com este estilo de vida se torna possível, igualmente, a fecundidade da obra da graça divina.

Frequentemente, habituámo-nos a pedir a Deus a Sua intervenção na nossa realidade humana, esquecendo um famoso dito da filosofia escolástica: *“gratia supponit naturam”* (a graça supõe a natureza). Certamente, a graça de Deus precede sempre qualquer obra humana, mas a sua eficácia só é possível se o homem se tornar dócil à sua ação.

Finalmente, o Evangelho sublinha como o crescimento de Jesus não é um fato privado, que interessa apenas à sua Família, mas que se realiza *“diante dos homens”*, isto é, sob o olhar de todos aqueles que fazem parte da comunidade do lugar onde vive.

Nisto, a mensagem evangélica surpreende, novamente, o modo de pensar, muitas vezes restritivo e individualista, sobre as coisas que dizem respeito ao âmbito familiar. Por outras palavras, o crescimento gradual de um pequeno ser humano não é algo que interessa apenas a seus pais. A sua evolução e a sua maturidade dizem respeito a todos, porque cada pessoa é sempre um capital humano para o bem de todos, e todos são interpelados para que seja dado a cada ser humano em crescimento, tudo o que lhe permita alcançar o seu máximo desenvolvimento.

Estamos perante um verdadeiro hino à cultura da vida, da qual a família é o ventre natural. O Papa Francisco continua a especificar que *«a família é o âmbito não só da geração, mas também do acolhimento da vida que chega como um presente de Deus. Cada nova vida “permite-nos descobrir a dimensão mais gratuita do amor, que nunca cessa de nos surpreender. É a beleza de ser amado primeiro: os filhos são amados antes de chegar”. Isto mostra-nos o primado do amor de Deus que toma sempre a iniciativa, porque os filhos “são amados antes de ter feito algo para o merecer”»* (AL 166). Também *«a mãe, que o traz no ventre, precisa de pedir luz a Deus para poder conhecer em profundidade o seu próprio filho e saber esperá-lo como ele é»* (AL 170).

Hoje, mais do que nunca, testemunhamos a difusão de uma mentalidade, que manipula em tudo e para todos o ato gerador da criatura humana, ao ponto de o desligar totalmente de seu vínculo originário com a família. Na mentalidade atual, já não se percebe a mais pequena diferença entre gerar um ser humano através do ato conjugal natural e gerá-lo através de inseminação artificial ou outras práticas em contínua evolução. Este pensamento comum está a difundir-se cada vez mais por uma só razão: o homem perdeu a percepção de que o filho é um grande dom que vem do Alto.

A este respeito, é paradigmática a afirmação que a Sagrada Escritura nos transmite com o nascimento do primeiro homem: *«Adão conheceu Eva, sua esposa, a qual concebeu e deu à luz Caim, e disse: “Eu tive um homem com a ajuda do Senhor”»* (Gn 4,1). A causa desta situação atual, portanto, não é simplesmente cultural, moral, social, económica ou antropológica. Na base deste novo cenário mundial está principalmente a perda do sentido de Deus e, conseqüentemente, o próprio homem se sente o senhor, inclusive na conceção duma nova vida humana. Em vez disso, só uma visão de fé muda totalmente a perspetiva da vida. Mesmo quando *«uma criança chega ao mundo em circunstâncias não desejadas, os pais ou os outros membros da família devem fazer todo o possível para aceitá-la como dom de Deus e assumir a responsabilidade de a acolher com magnanimidade e carinho. Com efeito, «quando se trata de crianças que vêm ao mundo, nenhum sacrifício dos adultos será julgado demasiado oneroso ou grande, contanto que se evite que uma criança chegue a pensar que é um erro, que não vale nada e que está abandonada aos infortúnios da vida e à prepotência dos homens. O dom dum novo filho, que o Senhor confia ao pai e à mãe, tem início com o seu acolhimento, continua com a sua guarda ao longo da vida terrena e tem como destino final a alegria da vida eterna. Um olhar sereno voltado para a realização final da pessoa tornará os pais ainda mais conscientes do precioso dom que lhes foi confiado»* (AL 166). A tal propósito, *«com particular gratidão, a Igreja “apoia as famílias que acolhem, educam e rodeiam de*

carinho os filhos deficientes”» (AL 82): elas, mais do que ninguém, mostram ao mundo inteiro o valor sagrado e absoluto da vida humana.

De fato, «é inalienável o direito à vida do bebê inocente, que cresce no ventre de sua mãe, que de modo nenhum se pode afirmar como um direito sobre o próprio corpo a possibilidade de tomar decisões sobre esta vida, que é fim em si mesma e nunca poderá ser objeto de domínio doutro ser humano. A família protege a vida em todas as fases da mesma, incluindo o seu ocaso» (AL 83). Certamente, a geração é um ato divino, e o Papa Francisco destaca como «cada mulher participa do “mistério da criação, que se renova na geração humana”» (AL 168).

De igual modo, o ato de acolher uma nova vida não é menos sagrado. No fundo, Maria e José testemunham como a sua grandeza reside em ter acolhido, cada um na sua singularidade, o Verbo de Deus, permitindo-Lhe desse modo, que encarnasse no mundo. Portanto, se é verdade que nem todos geram, biologicamente falando, não menos verdade é que todos são chamados a acolher sempre a vida, em qualquer lugar e situação. «A maternidade não é uma realidade exclusivamente biológica, mas expressa-se de diversas maneiras» (AL 178), e sobretudo «Aqueles que assumem o desafio de adotar e acolhem uma pessoa de maneira incondicional e gratuita, tornam-se mediação do amor de Deus que diz: “Ainda que a tua mãe chegasse a esquecer-te, Eu nunca te esqueceria” (cf. Is 49, 15)» (AL 179). É precisamente este amor acolhedor da família, que dá vida àqueles aos quais, infelizmente, é negado com frequência. «Um casal de esposos, que experimenta a força do amor, sabe que este amor é chamado a sarar as feridas dos abandonados, estabelecer a cultura do encontro, lutar pela justiça. Deus confiou à família o projeto de tornar “doméstico” o mundo, de modo que todos cheguem a sentir cada ser humano como um irmão» (AL 183).

Quem melhor do que a família pode ampliar, concretamente, os horizontes da cultura da vida no mundo, colorindo também «o cinzento do espaço público, colorindo-o de fraternidade, sensibilidade social, defesa das pessoas frágeis, fé luminosa, esperança ativa» (AL 184). Em vez disso, hoje «o narcisismo torna as pessoas incapazes de olhar para além de si mesmas, dos seus desejos e necessidades. Mas quem usa os outros, mais cedo ou mais tarde acaba por ser usado, manipulado e abandonado com a mesma lógica. Faz impressão ver que as ruturas ocorrem, frequentemente, entre adultos já de meia-idade que buscam uma espécie de «autonomia» e rejeitam o ideal de envelhecer juntos cuidando-se e apoiando-se» (AL 39).

Ao contrário, a família é a única que tem inscrito, no seu ADN, um incessante dinamismo de comunhão, que deveria impeli-la para «acolher, com muito amor, as mães solteiras, as crianças sem pais, as mulheres abandonadas que devem continuar a educação dos seus filhos, as pessoas deficientes que requerem muito carinho e proximidade, os jovens que lutam contra uma dependência, as pessoas solteiras, separadas ou viúvas que sofrem a solidão, os idosos e os doentes que não recebem o apoio dos seus filhos, até incluir no seio dela “mesmo os mais desastrosos nos comportamentos da sua vida”» (AL 197).

A família é o lugar por antonomásia da cultura da vida, porque é o lugar por excelência da presença de Deus. Quando em cada lar se reconhecer este binómio natural entre Deus e a vida, o mundo será mais humano e cada homem estará sempre protegido na sua singular dignidade.

EM FAMÍLIA

Refletamos

1. Toda a vida humana é um dom sagrado e inviolável de Deus. Hoje, porém, está cada vez mais difundida a mentalidade de que se possa satisfazer o desejo de ter um filho a qualquer preço, até ao ponto de que é fácil recorrer a todas as técnicas em constante evolução, que permitem a conceção, independentemente do ato conjugal natural. Toda a criatura humana, qualquer que

seja o modo de concepção, é sempre um dom de Deus. Por conseguinte, que relação existe entre o dom de Deus da vida e o ato conjugal natural?

2. Em que sentido a família se pode converter em promotora da cultura da vida, quando se reconhece a si mesma como lugar por excelência da presença de Deus?

Vivamos

1. Cada família tem em si mesma o dinamismo do acolhimento da vida, em qualquer condição. Todavia, esta verdade nem sempre é divulgada. O que é que o impede e como poderíamos ajudar a promovê-la?
2. Quando os dois esposos são capazes de se acolher mutuamente na sua totalidade, abrem o seu coração a todos. O que significa isto? Partilha-o, talvez, mesmo através experiências concretas.

NA IGREJA

Refletamos

1. Pensa-se, frequentemente, que a promoção da vida é algo que diz respeito à Igreja com a sua doutrina e não um direito inviolável, independentemente de qualquer adesão religiosa ou moral. O que poderia ou deveria fazer a Igreja, para afirmar o direito sagrado e inviolável da vida, independentemente de tudo e de todos?
2. O vínculo natural e inseparável entre o amor e a vida está hoje a tornar-se cada vez mais fraco, e chega mesmo a ser questionado. Que erros? Que dificuldades? Que propostas?

Vivamos

1. Não podemos promover a cultura da vida sem a família e sem a sua natureza intrínseca do acolhimento. Que poderia ser feito na pastoral para iniciar este círculo virtuoso?
2. Que propostas para que a Igreja possa ajudar as famílias a viver a verdadeira cultura da vida?